

## Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais<sup>1</sup>

Mohammed ElHajji  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

**Resumo:** O presente trabalho objetiva estabelecer um nexos conceitual entre o fato migratório, a mídia comunitária dos grupos étnicos e culturais inseridos em tecidos sociais pluriculturais e as novas configurações identitárias decorrentes desse agenciamento socio-tecnológico-subjetivo. A ideia central da análise é que os três termos da equação não são fenômenos distintos, mas sim manifestações da mesma realidade contemporânea e panos da mesma ecologia cognitiva.

**Palavras-chave:** Migrações; Mídia Étnica, Identidades Transnacionais

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo establecer un vínculo conceptual entre la cuestión migratoria, los medios de comunicación comunitaria de los grupos étnicos y culturales, inseridos en tejidos sociales pluriculturales, y las nuevas configuraciones de identidad multicultural como resultado de ese agenciamiento socio-tecnológico-subjetivo. La idea central del análisis es que los tres términos de la ecuación no son fenómenos distintos, sino más bien manifestaciones de la misma realidad contemporánea y partes de la misma ecología cognitiva.

**Palabras clave:** Migraciones, medios de comunicación étnica, identidades transnacionales

**Abstract:** This work aims to establish a conceptual connection among the migration fact, the communitarian media of ethnic and cultural groups inserted into the social fabric, and the new multicultural identity configurations resulting from this socio-technological-subjective agency. The main idea of the analysis is that the three terms of the equation are not distinct phenomenons, but manifestations of the same contemporary reality and parts of the same cognitive ecology.

**Keywords:** Migration, Ethnic Media, Transnational Identities

O presente trabalho objetiva estabelecer um nexos conceitual entre o fenômeno migratório, a mídia comunitária dos grupos étnicos e culturais inseridos em tecidos sociais pluriculturais e as novas configurações identitárias decorrentes desse agenciamento socio-tecnológico-subjetivo. A ideia central dessa análise é que os três termos da problemática não são nem fenômenos distintos nem fatos pontuais implicados numa redutora relação causal linear; mas, antes, manifestações da mesma realidade contemporânea e panos da mesma

---

<sup>1</sup> É doutor em Comunicação e Cultura, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, coordenador do Laboratório de Comunicação Social Aplicada – LACOSA: [www.lacosa-ufrrj.net](http://www.lacosa-ufrrj.net). Especialista em questões relacionadas às migrações internacionais e mídias comunitárias e transnacionais, uma parte da pesquisa por ele coordenada pode ser acessada em: [www.etnicidade.net](http://www.etnicidade.net). Email: [mohahajji@gmail.com](mailto:mohahajji@gmail.com)

ecologia cognitiva. Os deslocamentos humanos, as redes sociais, os fluxos midiáticos e os novos espaços identitários que superam e ultrapassam os quadros políticos e geográficos convencionais, constituem uma composição civilizacional inédita que exige abordagens e métodos originais; no afã de apreender a questão em estudo de modo completo e abrangente.

## 1. Estações migratórias

Perguntado sobre o motivo de ter acrescentado três novos itens (o direito de errar, o direito de mudar de opinião e o direito de ir embora) à Declaração dos Direitos Humanos pendurada no seu laboratório, Humberto Maturana respondeu: “O direito a ir-se é semelhante ao direito de mudar de opinião, pois é o direito de mudar de espaços. Penso que esses três direitos acrescentados são importantes porque constituem uma ampliação da aceitação do outro” (1999: 12).

Sem pretender a qualquer verdade científica ou autoridade epistemológica, a boutade do teórico da Complexidade tem o mérito de recolocar a questão migratória no registro do desejo, da subjetividade, da sensibilidade e até de certa ambigüidade constitutiva da natureza humana e de seu devir social e civilizacional. Pois, sem negar as injunções econômicas e políticas, muitas vezes atrás dos deslocamentos humanos, acreditamos que a redução de um fenômeno milenar e universal à sua dimensão instrumental imediata acaba solapando as possibilidades de sua apreensão abrangente e entendimento completo.

Direito de ir embora / desejo de voltar; vontade de ficar / necessidade de ir; nostalgia / insatisfação; realização / fracasso; presença / ausência. A migração é, em si, um movimento duplo e dúbio, no qual imigração sempre equivale a emigração, chegada a partida, expectativas a frustrações, sorrisos a lágrimas. Mas também significa a possibilidade de hibridizações, cruzamentos subjetivos, afetivos, simbólicos, imaginários e materiais. Pode-se até apontar o componente libidinal subjacente ao processo migratório – sendo todo projeto migratório movido por desejos e frustrações de natureza sexual, conforme sentencia o sudanês Tayeb Saleh (1996) no seu inigualável “A estação de migração para o norte”; uma mistura de fascínio e repulsa / desejo e rejeição do Outro e, principalmente, uma insaciável busca de si mesmo.

Idas e voltas ou idas sem volta que, a cada troca, enriquecem a condição da espécie, a transformam e lhe dão um novo significado. São laços de sentido que se tecem, se intensificam e se densificam, costurando a teia simbólica global que vem cobrindo o mundo e transformando a sua morfologia social e humana a todos seus níveis; desde o discursivo e imaginário até o físico e biológico. Ou seja, não seria temerário afirmar que o próprio processo de estruturação da semiosfera planetária é profundamente tributário dos

fluxos humanos e seus rastros existenciais; de tal modo que não há como dissociar a civilização humana de sua experiência migratória original e contínua.

### 1.1. Ecos persistentes

Condição fundadora de nossa espécie – a única a ter colonizado todos os cantos do planeta, a migração não pode ser vista como anomalia ou exceção, mas sim como regra absoluta que sustentou o inicial processo de hominização, propiciou as bases materiais de nossa capacidade de abstração e continua reformulando o sentido ontológico de / do ser humano e o significado social e histórico do sujeito. Tanto a paleontologia e a biologia como a arqueologia e a historiografia deixam evidente o papel fundamental das migrações na configuração de que veio a ser a Humanidade, na formação e extinção de agrupamentos civilizacionais e na prosperidade e decadência de impérios, reinos e nações.

Ainda que na maioria das vezes as ciências sociais e naturais buscam causas materiais para explicar o impulso migratório de nossa espécie; tais como guerras, crises sociais, escassez de recursos, advento de novas tecnologias ou mudanças climáticas, as mesmas teorias nunca desconsideraram o fator psicológico inerente à natureza humana de sempre querer e desejar descobrir novos horizontes. Assim, além de ser um imperativo evolucionário determinante para a sobrevivência e melhora da espécie, essa inclinação migratória constitui um arquétipo mítico-mitológico.

Que seja na Bíblia e no Alcorão, nas escrituras hindus e persas ou nas mitologias africanas, indígenas ou gregas, as figuras messiânicas, proféticas e/ou heróicas quase sempre são definidas por seu percurso migratório; do mesmo modo que a maioria das narrativas iniciáticas no mundo é, geralmente, condicionada pela migração real, simbólica ou metafórica. Ulisses, Noé, Abraão<sup>2</sup>, Moisés, Jesus, Maomé, Xangó, Buda, etc. todos teriam saído de sua terra de origem (entre peregrinação e migração) para poder cumprir seu (pré) destino divino e/ou heróico.

“Que há de comum entre Abraão e o apóstolo Paulo, de um lado, Ulisses e Dom Quixote, de outro?” pergunta Pe. Alfredo J. Gonçalves (2011). “Por mais díspares que sejam esses quatro personagens”, responde ele, “desfilam todos ante nossos olhos como 'figuras errantes'. À sua maneira, cada um deles protagoniza a condição do ser humano sobre a face da terra, hóspede de um solo estrangeiro, em busca da pátria definitiva”.

---

<sup>2</sup> “Iahweh disse a Abraão: ‘sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12,1)

Não somos migrantes por opção, mas sim pela nossa própria condição humana; ainda que não se deva ignorar toda a literatura, imaginário e simbologia universais ligados ao amor (às vezes excessivo) à terra de origem. Vale se perguntar, aliás, se esse discurso de apego ao *terroir* não seria uma estratégia hegemônica de imposição de um dado *modus vivendi* ou um antídoto à propensão natural do homem a vagar pelo mundo em busca de novos espaços reais e simbólicos, no afã de descobrir seu *self* profundo – aquele que só se deixa aflorar quando consegue se livrar das amarras discursivas do grupo, horda, clã, nação e outros quadros normativos.

Podemos até arriscar, em guisa de provocação, um paralelo entre a metáfora edipiana do assassinato simbólico do pai e o imperativo de alforria dos pertencimentos impostos, tradições deterministas e outras neuroses tribais para alcançar a maturidade e se impor enquanto sujeito responsável e discursivamente autônomo. Lembremos a eterna sabedoria de Hugo de São Vitor: “O homem que acha a sua pátria agradável não passa de um jovem principiante; aquele para quem todo solo é como o seu próprio já está forte; mas só é perfeito [leia-se adulto] aquele para quem o mundo inteiro é como um país estrangeiro”<sup>3</sup>.

## 1.2. Coordenadas atuais

No contexto específico da contemporaneidade, a paisagem migratória mundial vem sofrendo transformações radicais, devido a fatores de ordem política, econômica, organizacional, social e psicológica. Dentre os quais a instituição das fronteiras em decorrência da constituição dos estados nacionais – tornando os deslocamentos humanos mais visíveis, quantificáveis e coercíveis, a industrialização e urbanização de grandes regiões do mundo e aumento da pobreza em outras, a recrudescência das guerras e lutas armadas, o declínio da natalidade nos países avançados, o surgimento das migrações planejadas (tanto na Europa como nas Américas), a aceleração e barateamento dos meios de transporte, o avanço do processo de globalização, a revolução tecnológica midiática e a tomada de consciência da possibilidade de mudança da trajetória pessoal e a naturalização de novas formas de desejo, subjetivação e realização pessoal.

De fato, no campo político, os séculos XIX e XX foram marcados pela emergência e consolidação dos estados nacionais, as duas grandes guerras, a revolução soviética, as inúmeras lutas armadas aos quatro cantos do planeta, as colonizações e, em seguida, descolonizações e a imposição do ideal democrático (incluindo seus pilares operacionais de direitos humanos e liberdade de expressão) enquanto fundamento político universal.

---

<sup>3</sup> 1096 – 114. Filósofo, teólogo e autor místico da Idade Média.

Mudanças abruptas que contribuíram para que milhões de pessoas deixassem suas terras de origem e buscar novos lares, voluntária ou involuntariamente.

O correlato econômico dessas transformações encontra suas raízes já na Revolução Industrial, quando as novas atividades econômicas e as novas tecnologias da época levaram a profundas reconfigurações sociais, reestruturando o mapa das cidades e provocando migrações em massa. À medida que a indústria se tornava o centro de gravitação da sociedade humana, ela também se impunha com principal fator de aglomeração e distribuição da população; o que implicou, evidentemente, na aceleração dos fluxos migratórios e a reformulação de suas trajetórias geográficas.

A modernização das economias centrais e o enriquecimento de certas regiões do globo, conjugados à urbanização maciça, êxodo rural, empobrecimento de outras regiões do mundo e a aparição de atividades econômicas inéditas relacionadas a novas necessidades e novos hábitos de consumo culminaram na adoção, tanto na Europa como nas Américas de políticas de imigração planejada. O que terá um impacto determinante no redesenho de toda a paisagem migratória mundial, doravante predominantemente organizada em colônias, bairros étnicos e comunidades lingüísticas; trazendo, assim, à tona acirrados debates políticos acerca da ideia de identidade nacional, reconhecimento cultural, lealdade política, multiculturalismo, etc.

Para completar o quadro da questão migratória na atualidade, há de assinalar ainda as transformações sociais e organizacionais inerentes a nossa época. O avanço do processo de globalização, a sofisticação e acessibilidade das novas tecnologias de comunicação e o desenvolvimento e barateamento dos meios de transporte resultaram naquilo que David Harvey (1992) conceituou como “encolhimento do planeta” e a produção de um espaço civilizacional unificado; de certo altamente diversificado, mas, ao mesmo tempo, amplamente integrado.

Configuração espaço-temporal que favorece o reforço dos laços comunitários dos migrantes e a consolidação de seu sentimento de pertencimento ao país ou cultura de origem – dificultando, assim, sua assimilação completa pela sociedade de destino. Essa interconexão tecnológica e midiática do planeta se traduz, por outro lado, na unificação gradativa dos imaginários, subjetividades e códigos éticos e estéticos de seus povos e nações; o que acaba acentuando mais ainda o desejo de migrar em todos aqueles que sonham em participar da festa do consumo e do gozo ininterrupto veiculados pela mídia global.

Percebe-se, portanto, que os movimentos migratórios não deixam de corresponder às estruturas impostas pelas principais plataformas discursivas, ideológicas e organizacionais de cada época e contexto civilizacional humanos. Assim, ao contrário das

migrações conseqüentes da industrialização dos países centrais ou das descolonizações que tinham como principal motivo a produção material ou a disputa das narrativas políticas, as migrações atuais não podem ser dissociadas da ordem do simulacro midiático e consumista.

## 2. Os Outros na mídia e a mídia dos Outros

O que lembra e salienta o fato comunicacional fundador e original da sociedade humana; já que, conforme nos ensinou a antropologia estruturalista, as trocas materiais, matrimoniais e simbólicas (que corresponderiam, hoje, ao deslocamento de homens e mulheres, mercadorias e informações) são imprescindíveis para toda organização social. Ou seja, só sociedade na medida em que existem processos e sistemas de comunicação para subtendê-la; do mesmo modo que todo ato comunicacional é, em si, um fenômeno cultural e processo social organizacional.

Não se pode esquecer, por outro lado, que tanto a identidade individual como a comunitária (seja ela étnica, nacional, regional, confessional ou outra) são, antes de tudo, um exercício de enunciação de si; um esforço discursivo de dizer-se, dizer o outro e dizer o mundo. Sem precisar voltar até a raiz etimológica comum (com perdão pelo jogo de palavras involuntário) à comunicação, comunidade, comunhão e outros derivativos “comunais”, é sabido (tanto no âmbito da teoria da comunicação como em termos filosóficos) que não há possibilidade de “dizer” (o mundo e/ou o outro) sem antes “se dizer”; ou “dizer-se” sem, ao mesmo tempo, “dizer” a sua visão de mundo e seu projeto social individual e/ou coletivo. Identidade e discursividade são, assim, dois planos isomórficos do mesmo continuum existencial e subjetivo que rege a vida comunitária e regula suas relações e seus relacionamentos com o resto da sociedade.

Recorrendo, enfim, à tese sodreana do *bios* midiático (uma quarta forma existencial que se sobrepõe às três categorias estabelecidas por Aristóteles) (SODRÉ, 2002), fica evidente que as coordenadas do real contemporâneo só se efetivam e tomam forma dentro e em função da esfera midiática. Assim, a bourdivina luta pelo poder simbólico ou gramsciana mobilização contra-hegemônica não teriam, hoje, sentido fora deste *bios*; a *fortiori* quando se trata das modernas relações intercomunitárias, embebidas da atual ideologia culturalista e etnicista que rege o nosso imaginário – midiaticizado ao extremo.

Ou seja, se como sugere Brandão (1986) na sua perspectiva antropológica, a identidade étnica tradicional implicava na delimitação espacial de territórios identitários étnicos, hoje no contexto socio-tecnológico e tecno-sociológico que conhecemos, essa presença, afirmação ou negociação de territórios existenciais e identitários se dá, em grande

parte, no novo lócus -por excelência- de luta pelo poder que é a esfera midiática. É na mídia e através dela que os discursos identitários comunitários e étnicos (reivindicativos ou afirmativos) são formados e formatados, ensaiados e formulados; no afã de expressar as marcas e marcos simbólicos, subjetivos, existenciais, sociais e políticos das comunidades engajadas nos processos de luta pelo poder e negociação de posições e posicionamentos sociais que assegurem seus interesses e/ou garantam a sua continuidade enquanto projeto (social, histórico e político) e diferença (cultural, identitária e subjetiva).

Não há dúvida, pois, que as variadas formas de luta pela hegemonia, contra-hegemonia, consenso e consentimento, encontram nos textos da mídia o espaço ideal para revelar a complexidade do tecido social contemporâneo, alinhar os diversos campos de que são provenientes e possibilitar, assim, uma melhor compreensão da multiplicidade de vozes que compõem os discursos ideológicos em vigência. Já que, se toda organização social é estruturada, primeiramente e antes de tudo, no âmbito discursivo, a importância do discurso da mídia não se limita à sua capacidade de representação do real, mas sim é proporcional à sua eficácia em produzir sentido e estabelecer o consenso necessário para a manutenção do *status quo*.

A comunicação tem, neste sentido, uma função política ideológica e organizacional inerente às relações de poder que sustentam toda organização social, funcionando, portanto, como mecanismo de articulação dos diferentes níveis da estrutura social. É através dela que se adscribe o status de cada categoria da sociedade e se elabora o projeto existencial da comunidade em conformidade com os interesses do grupo que controla os meios de produção de sentido.

## 2.1. O fardo da representação

De fato, não há como ignorar a centralidade da questão discursiva para a compreensão de qualquer ação humana; neste sentido que o par língua / discurso constitui a interface simbólica universal que intermedeia a nossa relação com o mundo, e sem o qual nenhuma representação do mundo e do Outro seria possível. O que não quer dizer apenas que a linguagem é indispensável para a representação do Outro, mas antes que toda representação do Outro passa obrigatoriamente pelo filtro semântico e ideológico da linguagem.

Assim, toda construção discursiva do real é, necessariamente, o produto de uma realidade cultural, civilizacional e histórica determinada. Toda visão do mundo é fruto do mundo no qual ela nasce e se desenvolve e toda produção de sentido é, antes de tudo, um ato social no qual intervêm as forças hegemônicas de controle e de ordenação do imaginário do grupo e de seus quadros de expressão simbólica: a própria palavra é um “fenômeno ideológico por

excelência” (BAKHTIN, 1999). O discurso, com efeito, não é somente “o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, aquilo pelo que se luta, o poder do qual procuramos apoderar-nos” (FOUCAULT, 2001: 36).

Fica flagrante, portanto, a dramaticidade da questão da representação midiática do Outro nas relações intercomunitárias e, mais ainda, na relação das comunidades especiais (étnicas no caso deste trabalho) com a sociedade em geral. Também fica evidente que não importa saber se as eventuais representações depreciativas ou preconceituosas são atos conscientes, voluntários e premeditados ou ingênuos vícios de linguagem e/ou mimesis retórica; já que, conforme temos aludido, os discursos sempre são sociais e ideológicos. Importa, sim, todavia, saber que o vocabulário escolhido, metáforas e outros recursos retóricos são atos políticos integrantes do edifício ideológico que rege nosso real e determina nossas ações e atitudes sociais.

Os clichês ou estereótipos midiáticos (equivalentes contemporâneos dos provérbios, lendas, mitos e fábulas), por exemplo, podem constituir um precioso atalho semântico e condensado imagético que economizam tempo e esforço reflexivo na equação comunicativa [teor informativo / tempo necessário para seu processamento] e possibilitam ao receptor / espectador ter acesso rápido e eficiente ao cerne da mensagem desejada. Como também podem servir de poderosos recursos retóricos que se valiam do patrimônio cultural e social compartilhados e da cumplicidade do público visado para, em situações de controle autoritário ou opressivo, driblar a censura e as burocracias ditatoriais.

Justapor a imagem cinematográfica da torre Eiffel ao avião decolando pode sugerir, de modo direto e sucinto, uma viagem romântica ou um final feliz. Porém, mostrar o calçadão de Copacabana, no final de um filme policial, pode ter um significado bastante depreciativo. Não que criminosos não fogem para o Brasil (ou qualquer outro lugar do mundo), mas a ligação automática e redutora do crime ao Rio de Janeiro é, em si, condenável por seu caráter generalizante e, portanto, preconceituoso.

O exemplo acima exposto é bastante anódino; porém, muitas vezes (como no caso da propagação de idéias e imagens racistas, anti-semitas ou islamófobas), os clichês ou estereótipos acumulados, ancorados e consolidados no imaginário popular, acabam compondo um terreno fértil para a discriminação, opressão e, em situações extremas, a aniquilação física. No contexto político-social diário, eles atuam como forma de controle e de imposição hegemônica de dada visão de mundo e determinados valores sociais, políticos e morais; de tal modo que a superioridade dos grupos detentores do poder pareça normal, inevitável e até desejada por todos. Já que o Outro é privado de seu poder de “significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional” (BHABHA, 1998: 72).



Enfim, não é preciso insistir na força discursiva potencializadora da mídia enquanto locus principal de produção, construção e formatação do real político, social, étnico e cultural. A imagem do Outro, o discurso sobre o Outro, a alteridade e a diferença são, hoje, categorias políticas, culturais e psicológicas intimamente ligadas ao aparato e discurso midiático global; tanto no sentido de aproximação dos povos distantes e ampliação de sua capacidade de aceitação do diferente e da diferença como, ao contrário, para reforçar e arraigar clichês e preconceitos. Motivo pelo qual, os grupos étnicos e culturais vêm lutando pela interferência e influência nos meios de comunicação como, também, pela apropriação das mesmas estratégias midiáticas e construção de eficientes sistemas contra-hegemônicos de comunicação comunitária.

## 2.2. Estratégias comunitárias

As tentativas de intervenção comunitária identitária na paisagem midiática local, nacional e global se dão a vários níveis, de diversos modos e pelo viés de um amplo leque de tecnologias, suportes e linguagens – tanto na ponta da produção como do consumo. Desde a presença e visibilidade na grande mídia até a produção de sua própria mídia comunitária, passando pelo uso das diferentes *TICs* existentes e até lançar mão de TVs transnacionais por satélite.

Os objetivos dessa mobilização, todavia, são bastante convergentes: negociar uma representação positiva do seu grupo; opinar sobre as questões de ordem social, cultural e política em debate nas sociedades e países onde o grupo se insere; produzir discursos argumentativos favoráveis a situações e causas relacionadas à sua terra ou cultura de origem; divulgar e veicular discursos benevolentes sobre as suas características identitárias junto à sociedade de destino; controlar e cobrar eventuais discursos considerados prejudiciais à sua identidade ou cultura de origem; produzir quadros argumentativos destinados a seus membros para eles poderem representar positivamente e defender, quando é preciso, a imagem da comunidade; elaborar espaços discursivos que sirvam de base para a manutenção e coesão da identidade do grupo; manter e desenvolver laços simbólicos com a terra e cultura de origem e com as comunidades irmãs presentes em outros países e outras sociedades.

A visibilidade e representação positiva dos grupos étnicos e culturais minoritários e/ou oriundos das migrações podem ser consideradas como um fiel indicador do grau de integração, ascensão e sucesso social da comunidade em questão. Já que, como temos tentado demonstrar, o chamado “fardo da representação” não é uma lenda urbana, mas sim

a triste realidade de todos aqueles que não se adequam ao padrão ético e estético da maioria.

Porém, quando esse trunfo não é adquirido de antemão, as comunidades étnicas e culturais tentam, na medida do possível, limitar os prejuízos morais, sociais e materiais deste “déficit representativo”; recorrendo a meios institucionais e garantias constitucionais. Sendo o ideal civil, todavia, a manutenção permanente de boas relações e bons relacionamentos com os agentes e atores sociais midiaticamente influentes; de tal modo que o diálogo seja uma dinâmica contínua e não um ato político excepcional e circunscrito – daí a importância de uma vida associativa rica e diversificada.

Paralelamente, a manifestação pública midiática por parte da comunidade étnica a propósito da pauta social e política da sociedade hospedeira, além de ser uma ocasião de visibilidade participativa e uma prova de cidadania plena, também constitui uma maneira de fazer presente a voz e ponto de vista da comunidade no cenário midiático; conferindo-lhe, assim, credibilidade e autoridade moral. Esforço que, geralmente, é acrescido de ações concretas a favor das populações desfavorecidas, em campanhas sociais pontuais e outras manifestações de solidariedade extracomunitária, no afã de afastar o estigma do sectarismo e fechamento comunitário.

Do alcance de um posicionamento estratégico favorável no contexto de disputa pelo poder simbólico e reconhecimento identitário, nos moldes acima expostos, depende a capacidade do grupo em defender a imagem e as escolhas políticas e ideológicas do país de origem. Ou seja, melhor a comunidade é avaliada pela população em geral mais fácil fica conseguir o apoio, simpatia e compreensão da sociedade de destino à nação de origem em eventuais conflitos, atritos ou outras dificuldades históricas.

Já no âmbito da mídia (intra) comunitária, os objetivos almejados são, conforme antecipamos, o fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade e à cultura de origem, assim como a produção de um discurso argumentativo que permita a seus membros enunciar e defender, quando é preciso, seus princípios identitários. O marco regulador deste tipo de comunicação é, de fato, a estreita dependência entre as formas organizacionais de uma comunidade e as suas instâncias de enunciação de seu projeto sócio-histórico; na medida em que, ao elaborarem as suas práticas discursivas, procuram desenvolver estratégias que atuem como dispositivos simbólicos na disputa pela imposição do sentido.

Tais discursos e práticas, essenciais no processo de produção e reprodução do sentido, não são, contudo, formas inocentes ou inconscientes de uso da linguagem, mas sim construções ideológicas reflexivas que objetivam provocar um impacto na cognição social de seus receptores. Eles desempenham, assim, um papel intencional crucial na validação, expressão e legitimação de seu universo social ou cultural. Não é por acaso que os grupos

étnicos e culturais, tanto no Brasil como no resto do mundo, geralmente são dotadas de uma eficiente mídia comunitária que assegura a sua coesão social, cultural e política aos níveis local, regional, nacional e global.

Vale ressaltar, todavia, que o mapeamento acima elaborado não é uma realidade sistemática e universal, mas sim a combinação de ações comunicativas comunitárias que podem ser conferidas em situações e contextos determinados. Ainda mais se considerarmos que a efetivação de tais estratégias depende tanto da riqueza material do grupo como da capacidade de mobilização de seus membros e sua expertise em manipular os equipamentos coletivos simbólicos à sua disposição.

### **3. Redes, fluxos e interferências**

Em compensação, não há como ignorar que os atuais deslocamentos humanos em massa, fluxos midiáticos planetários, redes sociais de múltiplas formas e expressões identitárias que transbordam dos recortes geográficos e políticos convencionais são manifestações integrantes do processo de globalização. Fenômeno que não deve ser entendido apenas em relação ao nível espacial do globo terrestre, como é geralmente o caso, mas sim no sentido da globalidade temporal de uma ação – a sua realização ou vivência simultânea em múltiplos e distintos pontos do planeta.

É, justamente, essa equação que possibilita o surgimento efetivo de modalidades culturais e modos de enunciação identitários (sejam eles étnicos, culturais, confessionais, de gênero ou outros) de extensões e repercussões transnacionais. Já que o principal efeito da globalização (dos meios de comunicação em particular) é a superação dos planos territoriais estatais de representação simbólica, gestão do imaginário coletivo, sedimentação do senso comum, formação da opinião pública e outros mecanismos reguladores das identidades coletivas.

A atual estrutura tecno-organizacional que sustenta o processo de globalização se caracteriza, de fato, pela reformulação e rearticulação das instâncias de produção de sentido da contemporaneidade em torno dos meios de produção, controle e distribuição da informação. O papel central da comunicação nessa nova ordem sócio-tecnológica criou uma base material tão inédita para o desenvolvimento das atividades humanas em seus diversos sistemas e tão específica historicamente, que acabou impondo a sua própria lógica à maioria dos processos sociais e condicionando, de maneira fundamental e inédita, todos os níveis da sociedade contemporânea.

Com relação à problemática aqui em questão, a globalização se configura como quadro conceitual sintético no qual e pelo qual se dá a apreensão das mudanças em curso e

suas implicações em termos sociais, identitários e simbólicos. Globalização é uma viragem histórica marcada pelos contínuos, generalizados e cada vez mais velozes fluxos e deslocamentos – materiais, humanos, subjetivos, midiáticos, imaginários e simbólicos. O que justifica a pertinência e relevância deste trabalho em investigar a correlação entre a proliferação de instâncias e meios tecnológicos de comunicação comunitária étnica nacional e a emergência ou consolidação de espaços identitários transnacionais dos grupos imigrantes.

Pois são milhares de comunidades étnicas, nacionais, culturais e/ou confessionais espalhadas pelo mundo, cuja identidade transnacional se encontra, hoje mais de que nunca, ressaltada e reforçada. Até nas comunidades de imigrantes mais antigas, se observa um movimento de “volta” às origens, “re-produção” de narrativas culturais, étnicas, religiosas ou nacionais diferenciadas e “re-construção” de referenciais mnemônicos supostamente autênticos e originais; cuja finalidade é a enunciação de uma identidade coletiva hifenizada ou transnacional.

De fato, se o distanciamento espacial e a relativa lentidão das comunicações da época pré-global permitiam uma re-elaboração aprofundada dos códigos componentes da identidade minoritária no ambiente local e a sua conseqüente progressiva integração ou até assimilação, hoje, à medida que se configure uma nova esfera midiática étnico-cultural transnacional (Internet, rádios e webrádios e TVs por satélite – várias centenas de canais abertos de todo mundo e disponíveis por meio de tecnologias acessíveis), se torna mais difícil a desvinculação do universo simbólico de origem ou o afastamento das comunidades irmãs espalhadas pelo mundo.

### **3.1. Identidades trânsfugas**

Pode-se afirmar, portanto, que a passagem de um quadro comunitário local de pertencimento étnico-cultural à sua reverberação transnacional se apóia na configuração atual dessa nova esfera pública global e na concretude de sua nova economia política das comunicações. A importância das *TICs* para a conformação de construtos identitários transnacionais equivaleria assim, hoje, ao papel do “Capitalismo Editorial” – referido por Deutsch (1969), Anderson (1996) e outros, na consolidação dos imaginários nacionais.

Para uma aplicação possível da equação acima ao contexto da comunicação comunitária étnico-cultural / transnacional, lembremos que, numa época ainda recente, a mídia comunitária étnica se reduzia a algumas poucas publicações locais, onerosas, de baixa qualidade, restritas a pequenos grupos e a circulação limitada. Jornais, almanaques, revistas, boletins internos (geralmente com periodicidade bastante irregular) eram um luxo

cobiçado, do qual só as comunidades mais organizadas e mais abastecidas podiam desfrutar.

Existiam também programas de rádio e de TV e até algumas rádios comunitárias (em clubes ou bairros específicos), mas o tudo era bastante precário e sem penetração significativa nas respectivas comunidades. Portanto, o contato direto e contínuo com as notícias sociais e políticas e as manifestações culturais e artísticas do país ou cultura de origem não era nem fácil nem regular nem especialmente incentivado. O que contribuía no sentido de uma maior integração das comunidades étnicas nas sociedades de destino, seu gradativo afastamento afetivo do universo simbólico de origem e até sua possível assimilação.

Enquanto, hoje, com o barateamento e a popularização das tecnologias de comunicação e, ao mesmo tempo a sua sofisticação, ampliação de seu campo de ação, aumento de sua acessibilidade, facilitação de seu manuseio e sua definitiva universalização, se pode notar que praticamente todas essas comunidades dispõem de um impressionante arsenal de meios de comunicação comunitária – tanto local como transnacional. Salto tanto quantitativo como qualitativo que reinventou, por completo, a prática de comunicação comunitária cultural e deu um impulso decisivo na reorganização das comunidades étnicas, seu “reavivamento”, seu religamento à sociedade e cultura de origem e sua inserção na nova dimensão transnacional.

Dentre as mudanças notáveis neste contexto, se pode assinalar a migração da maior parte da produção editorial (jornais e revistas) do papel para o ciberespaço, a proliferação de sites comunitários étnico-culturais a caráter transnacional em centenas de milhares, o excesso de voluntarismo e a multiplicação de iniciativas pessoais sem credenciamento formal pela comunidade. O fenômeno merece até uma indagação sobre as inovações discursivas e estéticas introduzidas na prática jornalística e comunicacional em geral, a partir desses experimentos comunitários originais sem compromisso com as formulas midiáticas tradicionais.

Paralelamente, se pode atestar que houve um declínio quantitativo considerável na programação comunitária radiofônica e televisiva local tradicional, a aparição de webrádios étnicos e, principalmente, a explosão de uso de antenas parabólicas e receptores digitais que permitem a captação de canais de televisão diretamente dos países ou regiões de origem. Evolução que indica uma tendência à superação das instituições locais tradicionais (mídia dos países hospedeiros), da linguagem a ela correspondente (passagem da radiodifusão para as webrádios) e o uso de aparelhos voltados para a difusão transnacional de programação radiofônica e televisiva.

Assim, ainda que não seja regra absoluta, no contexto global, as composições identitárias tendem a se reformular e se afirmar numa perspectiva propriamente transnacional; no sentido que é o referencial extra-estatal (remetente ao território ou à cultura de origem) que serve como catalisador semântico simbólico para a ativação e a efetivação dos discursos de reconhecimento, identificação e diferenciação dessas comunidades. Com o processo de globalização (principalmente no seu substrato comunicativo tecnológico), pois, a questão de pluri-pertencimento, de múltipla lealdade e de superposição de recortes simbólicos está chegando ao paroxismo de sua exacerbação.

De fato, paralelamente à sua estruturação organizacional em redes de redes, o presente cenário global, sustentado pelas TICs, favorece a multiplicidade de sensibilidades e subjetividades transnacionais que desconhecem a continuidade física do terreno social e prescindem de uma ancoragem exclusiva no território efetivo ou no mapa estatal oficial. Trata-se, portanto, de um fenômeno “pós-estado-nacional” inerente à realidade social e política que caracteriza o mundo contemporâneo, marcado pela inequação, doravante estrutural, entre os planos nacional-estatal e cultural-identitário.

O que nos leva a conceituar a ideia de transnacionalidade à luz do conjunto de movimentos tectônicos que vêm reconfigurando toda a paisagem sociopolítica de nossa época atual. A noção, cada vez mais recorrente nas ciências sociais, diz respeito aos modos de organização e ação das comunidades humanas inseridas em mais de um quadro social nacional estatal, tendo referenciais culturais, territoriais e/ou lingüísticos originais comuns, e conectadas através de redes sociais transnacionais que garantem algum grau de solidariedade ou identificação além das fronteiras formais de seus respectivos países de destino.

### **3.2. Diásporas e gemações**

Todavia, a conjugação dessa ideia de transnacionalidade ao quadro global acima descrito e sua nova esfera pública, à atual economia política das comunicações e ao fenômeno migratório cada vez mais massificado e diversificado, resulta numa fórmula política e socio-simbólica bastante instigante. De fato, a equação que a nós se impõe nos impele a não mais abordar o fato migratório e os fluxos midiáticos a partir de um recorte individual (sujeito migrante) ou enquanto produtos (midiáticos), mas sim numa perspectiva maior que abrange os fluxos midiáticos, materiais, simbólicos e populacionais na mesma experiência humana civilizacional e subjetiva de um mundo em contínuo movimento.

Portanto, os termos da problemática aqui exposta não devem ser considerados nem como fenômenos distintos nem enquanto fatos pontuais implicados numa

reduzida relação causal linear; mas, antes, manifestações da mesma realidade contemporânea e panos da mesma ecologia cognitiva. Ou seja, os deslocamentos humanos, as redes sociais, os fluxos midiáticos e os novos espaços identitários que superam e ultrapassam os quadros políticos e geográficos convencionais são projeções integrantes da atual composição civilizacional global.

A composição em questão não é, contudo, exclusiva ao migrante, mas sim é doravante constitutiva da paisagem subjetiva humana na sua totalidade; seja pela generalização da perspectiva pluricultural, onipresença dos fluxos midiáticos globais ou pela incorporação das TICs na prática individual e coletiva diária. Situação subjetiva e simbólica que se aproxima da noção de “*ethnoscape*” instituída por Appadurai (2004), põe em xeque o princípio regulador do estado-nação e complexifica os axiomas de identificação e afiliação de modo geral e não, apenas, com relação aos grupos étnicos e/ou de imigrantes.

Por outro lado, além do surgimento de modos de pertencimento móveis, volúveis e pontuais, há também de salientar a nova realidade espacial decorrente deste contexto. Enquanto, na perspectiva sociológica e antropológica tradicional, é praticamente um consenso o espaço (físico) local ser o elemento fundador do *estar-junto* coletivo de toda comunidade a caráter étnico, podemos observar que, hoje, as relações comunitárias transnacionais parecem ser regidas por instâncias desprovidas da dimensão material espacial e inscritas na temporalidade vácuca de uma difusão instantânea.

Muitos grupos diaspóricos podem tanto se reconhecer numa origem territorial comum, geralmente correspondente a um recorte estatal externo ao espaço de destino como cultivar laços afetivos, ideológicos e culturais entre comunidades irmãs que não passam nem pela pátria de origem nem pelo país de destino. Vários são os exemplos de produtos culturais e artísticos elaborados e consumidos pela e na diáspora; nos quais o referente territorial original não passa de um significante abstrato.

São, na verdade, novas modalidades espaciais e novas territorialidades, condizentes e em sintonia com o mundo em movimento no qual se inscreve a ação e marca existencial dos grupos imigrantes em particular e a sociedade humana em geral. Localismos fluidos que nos lembram a maleabilidade do espaço e seu valor subjetivo ao ser vivido, desejado, imaginado e investido de subjetividade; transmutando o “espaço” em “espacialidade”.

O que nos leva a concluir o presente percurso reflexivo compartilhando a ideia de “gemação” de Canevacci (2010), enquanto movimento multiplicador das subjetividades e das territorialidades existenciais. O fato diaspórico, segundo este autor, não seria mais ligado às migrações reais, deslocamentos espaciais ou, ainda, limitado a matrizes identitárias étnicas, mas sim um modo de *estar-no-mundo* contemporâneo global, marcado,

conforme já explicitado, pela mobilidade e movimento. O indivíduo diaspórico, hoje, é “um sujeito desconexo, que opta por atravessar os fluxos metropolitanos e comunicacionais”; o que significa que a própria inserção do indivíduo contemporâneo na esfera global o faz um sujeito nômade, cosmopolita e desterritorializado.

Fluxos humanos, materiais e mediáticos são, de fato, os três motores que movem nosso real contemporâneo. No seu rastro, as identidades em trânsito se tornam transnacionais, marcadas pelo pluripertencimento e múltiplas lealdades. Enquanto o sujeito local, outrora enraizado no seu espaço imediato (não mediado), se vê hoje propulsado, pelas tecnologias de comunicação, numa nova dimensão diaspórica; não física, mas sim imaginária e simbólica.

São facetas da mesma esfera cognitiva e existencial: migrações massificadas, tecnologias banalizadas e incorporadas no cotidiano, comunicações aceleradas e a instância espacial menorizada. Assim, os migrantes, através da mídia comunitária e novas tecnologias, tendem a domar as distâncias que lhes causavam tanta lástima psicológica e superar o imperativo autoritário de pertencimentos únicos e lealdades exclusivas.

Já os locais (os donos e filhos de uma terra só) descobrem que, graças aos fluxos midiáticos, não há mais limite à sua força de criatividade e vontade subjetiva. Não há mais motivo para se resignar à sujeição do lugar, se submeter à ditadura da ordem social ou aceitar os fatalismos identitários. Pode ser morador de uma favela, uma aldeia distante ou a periferia deprimente da metrópole – há sempre meio de se libertar da estreiteza do “aqui”, reinventar o “agora” e se sentir de e em todo lugar.

Ou seja, os deslocamentos não devem mais ser considerados apenas na sua forma espacial e física, mas também e, sobretudo, na sua dimensão subjetiva, simbólica e imaginária. Uns como os outros são passageiros da mesma nave comunicativa – no modo de meios de transporte espacial ou na modalidade de espaços midiáticos. Uns viajam para alcançar as imagens que vem de longe; outros se deixam levar longe pelas imagens que vem até eles.

## Referências

- ANDERSON, Benedict. *L'imaginaire national*, Paris, La Découverte, 1996
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa, Teorema, 2004
- . *O Medo ao Pequeno Número: ensaio sobre a geografia da raiva*. SP: Iluminuras, 2009
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. SP: Hucitec, 1999
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. RJ: Jorge Zahar, 2003



- . Confiança e medo na cidade. RJ, Jorge Zahar, 2009
- BHABHA, Homi. O local da cultura. BH: UFMG, 1998
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986
- BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800. SP: Companhia das Letras, 2010
- CANCLINI, Néstor García. Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade. RJ: ED UFRJ, 2005
- CANEVACCI, Massimo. Gemação diaspórica e subjetividade sincrética <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/204.rtf>
- COELHO, Teixeira. A Cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós 2001. SP: Iluminuras, 2008
- DEUTSCH Karl, Nationalism and Social Communication, London, MIT Press, 1969
- FEATHERSTONE. Mike. O Desmanche da cultura: Globalização, pós-modernidade e identidade. SESC, Studio Nobel, 1997
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. SP: Loyola, 2001
- GONÇALVES, Alfredo J. O arameu errante. <http://www.migrante.org.br/IMDH/> (Acessado em 09/04/2011)
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992
- MATURANA, Humberto. A ontologia da realidade. BH: UFMG, 1999
- PARK, Robert E. Human migration and the marginal man. The American Journal of Sociology, v. 33, n. 6, 1928
- SALEH, Tayeb. A estação de migração para o norte. Arles: Actes Sud, 1996
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental [1902]. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) O fenômeno urbano. RJ: Zahar, 1967
- . O estrangeiro [1908]. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). Georg Simmel: Sociologia. SP: Ática, 1983
- SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho; uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002